

Paradoxos e Aprendizagem

Maria Luísa Moreira
CEFOPNA

Li, não há muito tempo, durante a preparação para uma sessão de trabalho, mais uma entrevista à Dr^a Luísa Tavares Moreira (não, não sou eu, mas tenho pena. Admiro profundamente a minha homónima) onde ela lembrava que enquanto diretora de uma escola, via os rapazes e raparigas saírem e entrarem pelos portões e percebia que aquela não era a Escola de todos. Também eu senti, e pensei, e penso, isso mesmo muitas vezes. Há escolas que são gaiolas, há escolas que dão asas. Ou, talvez com mais propriedade, eu possa afirmar que há professores que ensinam a voar e há outros, felizmente cada vez menos, que trancam gaiolas nem sempre sequer douradas.

Quando eu era menina, frequentando o então ciclo preparatório, tive um professor que me aterrorizava. Sempre fui leitora, leitora quase compulsiva e, à época, aquele professor, alto, nariz adunco, dedos enormes, lembrava-me sempre o conto do barbeiro Mestre Finezas, do Manuel da Fonseca, sendo eu o infeliz Carlinhos de saias. Juro, sem exagero, que tinha pesadelos na véspera das aulas de matemática e que, mesmo que eu tivesse estudado, o que fazia com a mente presa no pavor, mal entrava na aula começava a tremer. Sem grande esforço, oiço ainda a voz nasalada,

grave, daquele terrorista de almas que era o meu professor de matemática.

No mesmo ano, tive uma professora de francês que devia ser a personificação do sorriso, ou ter sido feita num dia de sol radioso, pois tinha açúcar na voz e embrulhava em seda as aprendizagens. Aprendi a cantar as conjugações, a 1^a a 2^a e a 3^a, sabia dizer frases inteiras e lia os textos com prazer. Quando, à noite, por imposição da minha mãe, preparava os livros para o dia seguinte, era com muita alegre ansiedade que confirmava se teria francês.

O tempo passou, porque o tempo passa sempre ignorando ansiedades juvenis, e fui para o Liceu. Aí a matemática já não era o Mestre Finezas, era mesmo a tesoura do dito. Resolvi arrumar o assunto de vez e, com muito gosto, sempre que possível trocava a aula de números e equações por uma hora de namoro nas escadas doorro, ou uma boleima no Café Alentejano. Obviamente, os meus conhecimentos matemáticos limitam-se à vaga ideia de que havia umas equações com um X de valor duvidoso, e uns números de dois andares que se multiplicavam de forma complexa.

Hoje, professora também, partilhando o desejo de uma Escola efetivamente para todos, e por isso para cada um, procuro

uma forma de ensinar a voar. De eliminar os sucedâneos do aterrorador Mestre Finezas, de fazer proliferar os professores que deixam crescer os sorrisos.

Sim, recordo muita Escola e parafraseio a Dr^a Luísa Tavares Moreira: - Temos de ser capazes de fazer uma Escola para cada um!